

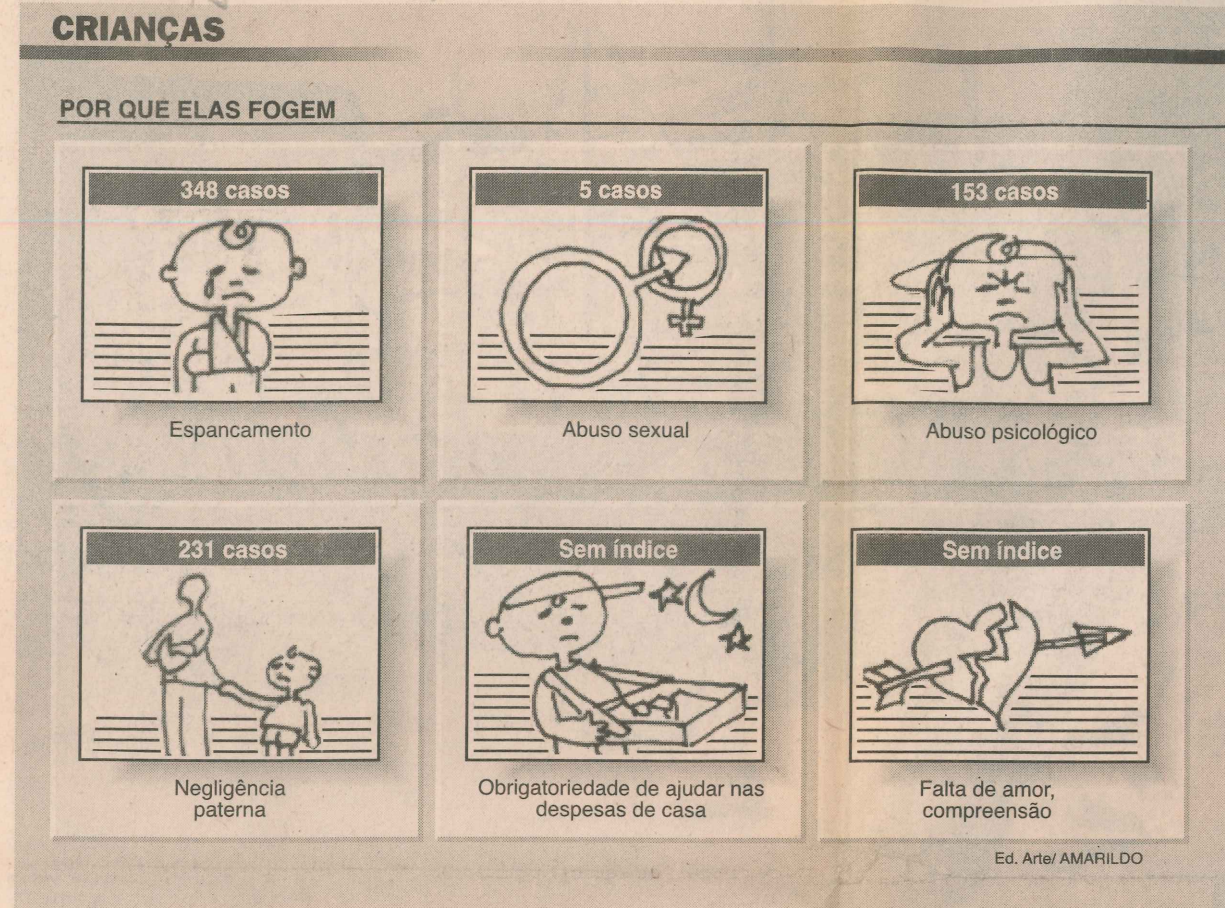
Medo de violência e ilusões mantêm menores na rua

Nilcileni Verbena

Alguns fatores têm levado crianças e adolescentes a desaparecerem de suas casas sem deixar vestígios. Os maus-tratos e a violência sexual praticados pelos próprios pais, irmão, tio, padrastos e até avós, - nem sempre denunciados -, são responsáveis por grande parte dos casos constatados pelo SOS Criança e Núcleo de Pessoas Desaparecidas (Nupede). Encontradas, muitas preferem continuar vivendo nas ruas a ter que voltar à convivência com os pais. De janeiro a 7 deste mês, o Nupede registrou 483 ocorrências de desaparecidos. Destas, 226 dão conta do sumiço de menores. Foram encontradas 129, constatadas quatro mortes e 93 continuam desaparecidas.

Famílias desestruturadas, que desde cedo perderam o controle sobre os filhos, mães relapsas, alcoolismo, violência física e psicológica. Vítimas dessas situações dentro do próprio lar, um universo cada vez maior de crianças e adolescentes deixa suas casas para viver a aventura da rua. É um mundo colorido onde não há proibições, regras de boa conduta, cobranças. Enfim, quase tudo é permitido. Neste contexto, a prostituição e o mundo das drogas cedo ou tarde passam a fazer parte da vida de alguns. Muitos pais tentam resgatar seus filhos, mas dificilmente há volta.

Uma média de três famílias diariamente registra queixa de desaparecimento de parentes no Núcleo de Pessoas Desaparecidas (Nupede) da Po-



lícia Civil. Desde janeiro deste ano, 226 denúncias sobre o sumiço de crianças e adolescentes foram computadas pelo Núcleo. Desse total, 93 continuam desaparecidas, sendo que cerca de 20% delas são adolescentes com idades entre 13 e 16 anos. Foram encontrados 129 desaparecidos e constatadas quatro mortes.

Buscas

De acordo com o delegada do Nupede, Rosemary Rodrigues de Lima, a triagem feita pelo núcleo constatou que o problema é unicamente social. No caso específico dos adolescentes, os desaparecimentos são justificados por acúmulos de problemas provenientes da infância. "A menina busca a realidade nos sonhos e se prostitui e os homens buscam o sim da realidade e entram no mundo das drogas", disse a delegada.

Já a criança, acrescentou Rosemary, a qualquer hora pode ser tirada de seus pais ou abandonada por eles, ou mesmo ser alvo da vontade ou realidade de um adulto. A partir da campanha desenvolvida pelo Nupede com vistas a mobilizar a sociedade no sentido de localizar os desaparecidos, 31 foram encontrados. Um dado curioso, segundo a delegada, é de que apenas um se marginalizou. Os demais saíram de seus lares à procura de melhores condições de vida, inclusive de emprego.

Abuso de poder

Para o coordenador do SOS Criança, Paulo Roberto Pompeu, inúmeros fatores empurram as crianças e adolescentes para fora de suas casas. No entanto, o fator comum é o abuso de poder. A criança maltratada torna-se um adulto maltratante.

O alcoolismo aparece como fator determinante nos casos de abuso físico e sexual.

Somente no mês passado, o SOS Criança registrou 348 denúncias de abuso físico contra crianças. Quanto ao abuso psicológico (ameaças de abandono, degradação da criança tratada como feia, burra, suja) as queixas chegaram a 153, sendo registrados cinco casos de abuso sexual e 231 acusações de negligência (criança desaparecida, perdida, abandonada).

Na maioria das situações, segundo Paulo Roberto Pompeu, as famílias procuradas pelo órgão alegam que não tinham consciência de que maltratavam seus filhos, caso em que é feita uma abordagem psico-social e o SOS Criança solicita a participação de tios e avós da criança com o objetivo de fortalecer a relação familiar.

Fuga é uma solução fantasiosa

Foto de Heló Sant'Ana

Para o psicólogo Oscar Gama Filho, as crianças que fogem têm como ponto em comum o medo dos pais, dos irmãos ou o medo da casa, daquele lugar em que vive. Podendo-se dizer que há algum tipo de trauma relacionado com a casa, os pais ou com os irmãos. Ele acrescenta que, se a criança



Oscar Gama: rua é como uma extensão do lar

possui os mecanismos de defesa adequados, ela consegue superar esse medo e, inclusive, se torna mais corajosa. "Mas se ela não tem um meio de achar a saída real, então vai procurar a saída em outra fantasia, que é a fuga", disse o psicólogo.

A criança carente, segundo Oscar Gama, tem o domínio da rua como uma extensão de seu lar. Os próprios pais as colocam desde cedo para vender balas e contribuir no sustento da família. Ao repassar o dinheiro para os pais, a criança sente que consegue se manter com aquele dinheiro e então passa a viver sozinha.

Fantasia

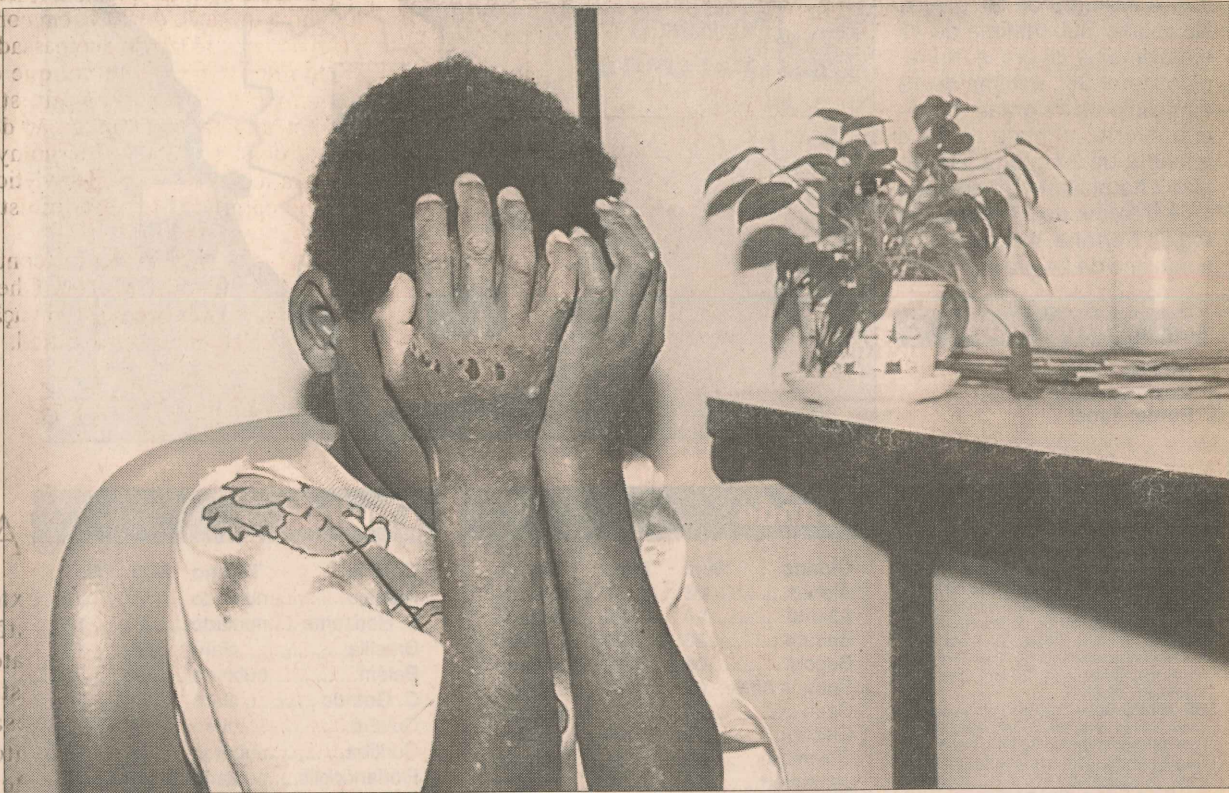
Na opinião do médico psicoterapeuta em análise transacional, Jussimar Almeida, geralmente as crianças com menos de 12 anos utilizam o mecanismo da fuga baseados em uma fantasia de que poderão dar solução aos seus anseios, que vão desde o desejo de se livrar de agressões sofridas no lar até a alguma idéia que lhes passe pela mente, como por exemplo encontrar colegas e ter liberdade de expressão.

De acordo com Jussimar, mesmo considerando que essas crianças ainda não possuem capacidade plena de decisão, sendo portanto vulneráveis a maus-tratos nas ruas, mesmo assim elas não retornam ao convívio familiar, com medo de sofrer punições severas. "Ou seja, fogem para se livrar

de punições e não retornam com medo de punições. E, se retornam, ficam o tempo todo com receio e não desejam permanecer naquele lar ameaçador", conclui Jussimar.

Em sua opinião, a solução para diminuir esses casos seria os pais darem proteção, carinho e amor aos seus filhos, ao invés de ficarem no papel de julgadores e de punidores. Ameaças comuns (surras, castigos e outras punições) refletem nessas crianças um processo muito forte de repressão, levando-as a vivenciar sentimentos de possível destruição de si próprias pelos pais. "Diminuir as ameaças verbais, substituindo-as por amor é o melhor mecanismo para que uma criança cresça saudável e sem desejos de fugir do lar", frisou Jussimar.

Já nos casos de adolescentes com idades entre 13 e 15 anos, segundo o psicoterapeuta, o afastamento do lar é uma forma de punir os pais por agressões sofridas na infância. Um outro grupo de adolescentes se afasta de casa atraído por amores de outras pessoas, que ficam idealizados em sua cabeça como substitutos perfeitos dos pais que desejariam ter tido.



Vilson, de 8 anos, garante que teve um braço e uma perna quebrados pela mãe, que freqüentemente o espancava

Família não sabe como agir

A doméstica Maria Aparecida Rangel, 36 anos, desistiu de tentar o retorno da filha Elizângela, 15, para o convívio familiar. A primeira vez que Elizângela desapareceu de sua casa, em Santa Rita, Vila Velha, foi há dois anos. Ela havia saído para ir a um baile funk, porém não voltou. Desesperada, Maria Aparecida buscou a ajuda da Polícia.

A adolescente foi encontrada em um bairro de Vila Velha e levada a psicólogos, mas segundo a mãe de nada adiantou. "Até completar 13 anos, minha filha era uma menina boa. Ela estudava e até ajudava no serviço de casa. Mas depois começou a exigir algumas coisas como roupa e eu não tinha condições de comprar. Então arranjei um trabalho em casa de família para ela. Esse foi o meu erro. Ela dizia que, se tinha independência para trabalhar e estudar à noite, também teria que ter para passear", lembrou Maria Aparecida.

Elizângela passou a não aceitar as determinações de sua mãe quanto aos ho-

rários de chegar em casa. Ela passou a fugir à noite para ir a bailes funks, pulando as janelas. Maria Aparecida descobriu, chamou sua atenção e ela resolveu sair de casa de vez.

Aniversário

"Minha filha é tão bonita. Nunca pensei que pudesse acontecer uma coisa dessas com ela", lamentou Maria Aparecida. A última vez que viu a filha foi em 13 do mês passado, dia em que ambas aniversariaram. Vários pedidos, inclusive por parte do padrasto, foram feitos para que a adolescente voltasse para casa, mas ela sequer disse onde e como estava vivendo.

A partir desse dia, Aparecida não mais ouviu falar de Elizângela. "Não faço nem idéia de onde ela possa estar". Maria Aparecida acredita que a adolescente possa estar fazendo uso de drogas, devido ao modo estranho com que se comportava ao retornar dos bailes funks. Ela também ouviu comentários de vizinhos a respeito do assunto.

Quatro dias fora de casa

O medo de enfrentar a ira do pai levou o estudante Fabrício Carvalho dos Santos, 14 anos, a desaparecer de casa por quatro dias. Fabrício havia comprado umas peças de reposição para a bicicleta de seu irmão Humberto, mas seu pai achou que eram caras e, depois de chamar sua atenção, exigiu que devolvesse o material. Aborrecido, Fabrício saiu de casa, em Guarapari, para cumprir a determinação do pai, e a caminho da oficina decidiu não voltar para casa.

O desespero dos familiares do estudante durou quatro dias. Eles chegaram a pensar que Fabrício pudesse ter sido assassinado. Registraram queixa no Núcleo de Pessoas Desaparecidas (Nupede), na Reta da Penha, e passaram a procurá-lo em vários lugares.

No entanto, Fabrício foi para a casa dos pais de um amigo, em Paul, Vila Velha. No quarto dia em que estava desaparecido decidiu entrar em contato com a família. A avó de Fabrício, a aposentada Marisa de Carvalho Gomes, 55, que mora no Bairro Jardim Guadalajara, naquele município, lembrou a angústia sofrida. Ela acrescentou que o genro, Lauro José de Souza, 40, se arrependeu do que fez e hoje se mostra mais compreensivo com os filhos – Fabiana (gêmea com Fabrício) e Humberto, 16.

Garoto se recusa a viver com a mãe

Cansado de ser espancado pelos pais, principalmente pela mãe, o garoto Wilson Lima dos Santos, 8 anos, partiu para a vida nas ruas. Dormindo debaixo de marquises pedindo dinheiro para comer e rejeitando as ofertas de drogas, como a cola de sapateiro, o menino por duas vezes preferiu fugir de casa. Dizendo que já teve um braço e uma perna quebrados ao ser espancado pela mãe, Wilson não quer mais voltar para casa. Entregue pela segunda vez ao SOS Criança, ele denuncia os espancamentos e insiste em dizer que não quer voltar a morar com os pais, manifestando o desejo de viver com uma família na Serra.

"Minha mãe bebe, me bate e não me deixa tomar banho", frisou Wilson. Mas sua mãe, a dona de casa Maria Nilda Lima dos Santos, desmente as acusações e diz que já não pode mais com o fi-

lho. "Ele parece que tem uma coisa no corpo, uma perturbação. Bate na menina – irmã mais nova de quatro anos – e no cachorro. Sou mãe de 11 filhos e ele é o que me dá mais trabalho", salientou Maria Nilda, admitindo a intenção de deixar o garoto ir morar com a família na Serra. "Fazer o quê? Ele foge e fala que é porque lá em casa não tem televisão e nem carne para comer todos os dias. Como eu vou comprar essas coisas com o marido desempregado?".

Outra família

Numa pequena sacola Wilson carregava todos os seus pertences. Ele fez questão, segundo sua mãe, de levar de vez suas roupas para o SOS Criança acreditando que ainda ontem poderia passar a morar com outra família. Mas tal decisão, segundo o coordenador do órgão, Paulo Roberto Pompeu, so-

mente poderá ser tomada depois de se tentar de diversas formas manter a criança no seio familiar.

O corpo de Wilson traz as marcas dos maus-tratos. Coceiras pelas pernas, braços, mãos e cabeça são atribuídas por Maria Nilda ao tempo que o filho passou pelas ruas. Segundo ela, Wilson fugiu de sua casa, localizada no Bairro Jardim Botânico, em Cariacica, no sábado retrasado. "Eu estava fazendo compras e quando cheguei ele não estava".

Vilson foi encontrado na tarde de quinta-feira passada, na Serra, e entregue ao SOS. Falando baixo e demonstrando uma certa tristeza no olhar, a criança admitia gostar da mãe, mas sempre lembrando as agressões sofridas. Quanto ao pai, o ajudante de pedreiro Oswaldo Bernardo, 52, Wilson contou que ele também bebe muito e, além de bater nele, dá surras na mãe.